

A questão comunista: história e futuro de uma Ideia

DOMENICO LOSURDO

São Paulo: Boitempo, 2022. 216p.

Hélio Ázara de Oliveira*

O livro ora publicado pela editora Boitempo é aberto pela advertência do editor de que o texto traduzido por Rita Coitinho é resultado de duas fontes, sendo uma delas um exemplar impresso, deixado pelo próprio Domenico Losurdo, e a segunda um arquivo digital com última atualização de 2017, cujo título – “provisório” segundo o editor – era *A questão comunista a cem anos da Revolução de Outubro*. Esse título “provisório” reflete em muito as características que a obra possui, pois trata-se de uma disputa pelo movimento comunista e seu futuro, mais do que uma disputa pela “ideia de comunismo”. Em uma frase: estamos diante de um texto de um militante político que está defendendo sua posição sobre o futuro do movimento criado por Marx e Engels em 1848.

Desse modo, a organização do Partido Bolchevique por Lênin e seus camaradas é interpretada como a consolidação de um movimento político que foi responsável pelo acirramento das lutas de classes no século XX. Movimento esse que alcançou, por meio da pressão que imprimiu nas sociedades ocidentais capitalistas, a conquista de um Estado de bem-estar social, ainda que ele tenha obstaculizado a revolução internacional, que poderia ter sido desencadeada pela Revolução de Outubro. Losurdo ressalta ainda que o movimento comunista incitou as revoluções

* Professor de filosofia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: helioazarax@gmail.com

de libertação nacional nas então colônias dos países capitalistas. Essa ação, cujo início remonta à convocação de Lênin aos povos de origem colonial e escravizados para que se rebelassem e se libertassem da situação colonial, consiste na tomada de posição que caracterizará as lutas de classes dos povos subalternos no século XX. Mais do que uma discussão sobre “a ideia do comunismo” temos aqui, portanto, a pergunta pelo futuro do movimento comunista e daqueles movimentos que de alguma forma reivindicam o seu legado. O presente livro, assim, se junta a *O marxismo ocidental* (2018) na tarefa de “repensar o marxismo” depois do século XX.

O marco temporal da redação nos parece importante, pois reflete o contexto intelectual, ou “clima ideológico”, dos anos 1990 e vai até o momento da crise financeira de 2008. O contexto histórico e político da redação da obra consiste na luta de classes reavivada pela crise, cujo aspecto bélico remonta à celebrada supremacia da Otan, a partir da segunda Guerra do Golfo. Em linhas gerais, em um olhar retrospectivo, Losurdo nos convida a lembrar o papel histórico positivo do movimento comunista na organização de um mundo que agora se desfazia com o advento da unipolaridade e com o ressurgimento da fábula do “fim da história”.

É um cenário em que o comunismo é considerado derrotado e em que “longas colunas de renegados e desertores” aderiram ao pensamento único. Em um ambiente político e acadêmico em que o anticomunismo (sob a capa de um anti-totalitarismo) virou uma premissa, quando não uma política de Estado, Losurdo combate alguns lugares comuns do ideário liberal-imperialista e nele se reencontra com temas de obras anteriores, particularmente a “hagiografia” que o Ocidente capitalista e liberal procura fazer de si mesmo – tema já frequentado em *Contra-história do liberalismo* e que no capítulo primeiro da presente obra assume nova dimensão. Para aqueles renegados que hoje consideram “comunismo” uma palavra “indizível”, Losurdo nos dá boas e informadas lições de história do léxico político liberal e “democrático”.

Um dos pontos centrais da polêmica de Losurdo (dentro e fora da tradição comunista) é a luta contra o “utopismo” (p.49). Seria o comunismo uma “utopia” ou um “projeto político concreto”? Com uma forma de citação que lhe caracteriza mesmo nos trabalhos de história da filosofia, Losurdo coloca a resposta quase sempre na boca de seus próprios interlocutores, lembrando ao liberalismo as páginas que essa tradição intelectual e política preferiria esquecer. Isso ocorre de um lado, pois, de outro, Losurdo lembra o caráter utópico de alguns sentidos comuns dos tempos do final da Guerra Fria, a começar pela promessa de *Um mundo sem guerras* (tema de seu livro homônimo de 2016) que acabou desaguando nas guerras pela paz da Otan.

O utopismo de que fala Losurdo é, segundo suas palavras, facilmente associado a um “messianismo”, ainda que secularizado. Trata-se, em linhas gerais, de um combate já travado em *Marxismo Ocidental*, a tese de que o Estado, o dinheiro e mesmo as leis devem “desaparecer”. A sociedade por vir passa a ser descrita como uma sociedade em que todas as contradições e fontes de contradições desapareceram, um milênio de paz. Os alvos das críticas são pensadores rebeldes, como August

Bebel, Hardt e Negri e Ernest Bloch. Mais profundo do que a crítica a certas visões messiânicas da Revolução, no entanto, é o reconhecimento de elementos comuns na militância política e religiosa, tema que já Engels e Gramsci exploraram em seus respectivos séculos. Nas palavras de Losurdo: “pode-se mesmo dizer que quanto mais um movimento revolucionário tem suas raízes nas camadas mais profundas das massas populares, mais ele se inclina a expressar esperanças de redenção” (p.145-146). Losurdo insiste que a ideia de uma “extinção do Estado”, embora seja encontrada em Marx e Engels, é, em sua avaliação, utópica e messiânica, apesar de parte do movimento comunista sustentá-la em pleno século XXI.

A ideia de extinção do Estado e do “poder político enquanto tal” se mostra aos olhos do filósofo italiano uma utopia que ameaçou e *perturbou* a transição do Estado czarista, na União Soviética, para uma ordem baseada na revolução bolchevique (p.154). Na Rússia revolucionária, mesmo a ideia de uma “constituição” baseada na revolução era vista como “uma ideia burguesa”, o que, do ponto de vista de Losurdo, mostra o quão perigosa é a tendência anárquica que marcou grande parte do movimento comunista.

Nos processos revolucionários do século XX houve um longo (incerto e não ausente de oscilações) período de conflito entre a teoria da extinção do Estado e a necessidade de o construir em bases comunistas, um longo aprendizado pautado pela oposição entre teoria e prática (p.157). Desse modo, Losurdo enxerga no Estado de direito uma herança positiva da tradição liberal – essa é a tese que os comunistas não poderão deixar de lado em sua luta por emancipação, segundo ele.

Foi excluído pelo próprio autor um capítulo, que deveria ser o quarto, sobre a Revolução Russa e sobre o “socialismo com características chinesas”, que, pelo que se lê nos demais capítulos, foi escrito e depois suprimido. Isso traz alguma carga de descontinuidade à obra, visto que o mesmo é “prometido” nos capítulos anteriores e referido no que seria o quinto e último capítulo – que dialoga com o “socialismo libertário” de Žižek e daqueles que pretendem mudar o mundo sem tomar o “poder de Estado”. Para estes, pensa Losurdo, a causa dos oprimidos, das ex-colônias e de seus refugiados é legítima desde que eles não estejam dispostos ou em condições de vencer a sua luta e tomar em suas mãos o seu destino. As revoluções anticoloniais só seriam dignas de admiração quando vencidas. A isso Losurdo chama de populismo, messianismo e “rebelionismo”, na tradução brasileira da Boitempo.

Enfim, o livro que nos chega às mãos poderia ter talvez um melhor acabamento, pudesse seu autor dispor de mais alguns anos de vida; no entanto, chama a atenção a sua atualidade ao comentar eventos recentes como as guerras coloniais da Líbia e na Síria, e os eventos da praça Maidan, que levaram, uma década depois, à operação especial militar da Rússia na Ucrânia. Comentando esses eventos, Losurdo escreve como alguém vivo em 2023: “Os focos de guerra estão aumentando e os perigos da guerra em grande escala se agravam. Chegará a tornar-se nuclear o conflito devastador que agora começa a se anunciar no horizonte?” (p.196).

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

DOSSIÊ "MARX DUZENTOS ANOS"

Relendo os *Grundrisse*

João Quartim e Pedro Leão

Os partidos políticos na Grã-Bretanha

Karl Marx

ARTIGOS

Criptomoedas

Paulo Nakatani e Gustavo Moura

Estatismo autoritário: Agamben e Poulantzas

Christos Boukalas

Burguesia interna e capitalismo dependente

Danilo Martuscelli

47